

A AMIZADE NO FUNDAMENTO DA MORAL DE SANTO TOMÁS DE AQUINO¹.

Servais Pinckaers, O.P. - Université de Fribourg.

Resumo: Para muitos a moral é, essencialmente, constituída pelas obrigações e impedimentos legais, formulados no Decálogo e pelos imperativos da razão, mais ou menos categórica. Sob a influência do Evangelho, os autores cristãos atribuem, sem dúvida, um certo papel ao amor na inspiração da ação moral. Mas qual poderia ser a contribuição da amizade? Podemos atribuir-lhe mais que uma função marginal?

Palavras-chave: amizade, moral, Tomás de Aquino.

Abstract: For many the moral is, essentially, constituted of the obligations and legal impediments, formulated in the Decalogue and for the imperatives of the reason, more or less categorical. Under the influence of the Gospel, the Christian authors attribute, without a doubt, a certain paper to the love in the inspiration of the moral action. But which could be the contribution of the friendship? We can attribute to it more than a marginal function?

Keywords: friendship, moral, Thomas Aquinas

Nossa primeira conferência pública, como teólogo moralista, foi feita em alemão num congresso realizado no convento de Walberberg, nas proximidades de Bonn, em outubro de 1961, quando ainda éramos um jovem professor no Studium dos Dominicanos de La Sarte, em Huy, na Bélgica. A conferência tinha como tema os fundamentos da ética. Sustentávamos ali que o sentido do amor de amizade e, por conseguinte, a própria amizade, constituíam o fato primitivo da moral de Santo Tomás de Aquino². Os teólogos alemães interessavam-se, era nossa impressão, nessa época, mais que os franceses pelas questões fundamentais da moral, bem além do casuísmo.

Uma certa audácia era necessária, assim, para colocar a amizade em primeiro plano, pois os moralistas germânicos ou outros, naquele tempo como hoje, nada falam dela. A seus olhos, a moral é, essencialmente, constituída pelas obrigações e impedimentos legais, formulados, notoriamente, no Decálogo e pelos imperativos da razão, mais ou menos

¹ Tradução de Rubens Galves Merino. Este artigo foi publicado originalmente em: *Utopia Urgente. Escritos em Homenagem a Frei Carlos Josaphat nos seus 80 anos*. São Paulo: Educ, 2002, pp. 411-418. Agradecemos ao Dr. Pinckaers que nos autorizou sua publicação em *aquinate.net*.

² PAULUS, E. *Sein und Ethos*. Mainz: Mathias Grünewald V., 1963, pp. 228-235.

categorica. Sob a influência do Evangelho, os autores cristãos atribuem, sem dúvida, um certo papel ao amor na inspiração da ação moral. Mas qual poderia ser a contribuição da amizade? Podemos atribuir-lhe mais que uma função marginal?

Sabemos todavia que Aristóteles esteve atento à amizade. Dedicou-lhe os livros VIII e IX da *Ética a Nicômaco*, no auge da pesquisa referente ao tópico da felicidade. Tão pouco ignoramos, Santo Tomás definiu a caridade, virtude suprema, como uma amizade, com apoio nos textos de São João e de São Paulo, bem como na análise de Aristóteles. Impõe-se uma questão, portanto: qual pode ser o papel da amizade, da relação amigável a Deus e a outrem, na ética e, particularmente, na teologia moral?

A questão causou não pouca agitação, no congresso de Walberberg, de outubro de 1961. Nosso “adversário amigável”, no evento, era o venerável professor Hans Reiner, docente em Fribourg-en-Brisgau. Partindo da definição da moral pela obrigação, ele apresentou o eudemonismo, compreendido em Santo Tomás como “a ética na qual a obrigação moral é explicada pela consideração de uma vantagem ou desvantagem pessoal, ligada à boa ação, como origem e fim de todos os sentimentos e ações”, e isso mesmo nos casos em que a coisa depende de uma promessa divina de recompensa, ou de castigo. Ele aí opunha uma ética teonômica, fundada no mandamento de Deus como tal, em seu caráter imperativo³. A discussão então travada permanece, assim nos parece, perfeitamente atual e fornece ainda um objeto aproveitável para reflexão. Assim, não hesitamos em retomar, após adaptações e complementações, nosso texto alemão⁴.

O FATO OU SENTIMENTO PRIMITIVO DA ÉTICA NÃO CONSISTE NO DESEJO EGOCÊNTRICO, NEM EM SEU CONTRÁRIO, NUM AMOR EXTÁTICO, MAS SIM NO SENTIDO DO AMOR DE AMIZADE.

Nossa idéia é a seguinte: na moral de Santo Tomás, o fato ou o sentimento primitivo não consistem no “desejo para si”, voltado para si e facilmente egoísta, fundado em uma inclinação natural do homem, que

³ “Wesen und Grund der Sittlichen Verbindlichkeit (Obligatio) bei Thomas von Aquin”, *ibid.*, pp. 236-266. Ver, também, minha réplica “Eudaimonismus und sittliche Verbindlichkeit in der Ethik des heiligen Thomas”, *ibid.*, pp. 267-305; e a resposta do Prof. Reiner: “Beatitudo und Obligatio bei Thomas von Aquin”, *ibid.*, pp. 306-328.

⁴ Podemos ver, também, a apresentação do assunto em nosso livro *A Renovação da Moral*. Casterman, Tournai, 1964, pp. 256-263.

ordenaria todos os seus atos em benefício próprio, para seu bem-estar. A esta maneira de ver corresponde e opõe-se uma concepção do amor, a qual podemos qualificar de extática ou desinteressada, no sentido em que um tal amor iria até o ponto de descartar e sacrificar qualquer desejo direcionado a si próprio.

A nosso ver, o fato primitivo da moral de Tomás é um sentimento de uma outra ordem e pertence, propriamente, à natureza espiritual: nós o nomearemos o sentido do amor de amizade, como a capacidade de abrir-se a outros seres, de assumir o que é alheio a si e que confere ao homem o poder de amar, por ele próprio e em si próprio, um certo objeto, especialmente uma pessoa ou um valor, e de encontrar nesse amor sua própria perfeição. O sinal do amor de amizade é o seguinte: a intenção de alguém que ama vai ao encontro do objeto amado e nele repousa, a ponto de rejeitar o retorno a si próprio como uma falta contra este amor. O sentido do amor de amizade realiza-se nela própria, tal como a definiu Santo Tomás, considerando-a como amor, no sentido pleno do termo; caracteriza-se pela benevolência e pela reciprocidade⁵. É a partir da amizade assim concebida, o modo correto de interpretar, em Tomás, os termos desejo, bem, amor, e não inversamente, como é feito freqüentemente.

Apresentaremos, concisamente, esses três tipos de relações no amor, sem perder de vista que o objeto mais apropriado ao amor consiste num sujeito pessoal, num outro ser humano.

O desejo egocêntrico coloca o objeto do amor a serviço do sujeito que ama e lhe retira, de certa forma, a qualidade de sujeito, que ele possui em sua qualidade de pessoa. Tende, então, a dele fazer uma coisa. Ao contrário, o amor extático ou desinteressado parece destruir o amor próprio do sujeito em favor do objeto amado que ele se esforça para reconhecer em sua condição de um sujeito diferente. Ao invés, a amizade realiza essa pequena maravilha de colocar os sujeitos na presença um do outro, numa tal relação de modo a se reconhecerem, um e outro, como se cada qual fosse digno de ser amado por si mesmo. Em consequência, cada sujeito quer realmente o bem do outro, sem reconduzi-lo para si, e encontra, concomitantemente, seu bem pessoal na amizade, ao mesmo tempo como um dom e em sua conformidade à vontade do outro, que responde ao amor.

A amizade realiza este paradoxo: cada um dos amigos reconhece plenamente o outro como outro (cada um recusa-se a reduzir o outro ao nível de servidor e a diminuí-lo em sua pessoa), e, não obstante, essas duas pessoas chegam a forma, entre elas, a unidade mais íntima, a ponto de podermos dizer, a seu respeito, não possuírem mais que uma vontade e não formarem,

⁵ TOMÁS DE AQUINO, S. *Suma Teológica*. II-II, q23,a1;I-II, q65,a5.

numa certa medida, senão uma só pessoa. A amizade afirma e estabelece, ao mesmo tempo, e funda também, na reciprocidade, a alteridade mais característica e a unidade mais estreita entre duas pessoas. A amizade e o amor aparecem, assim, como uma experiência que vai além das palavras e categorias usuais, conferindo-lhes uma plenitude de significação humana. Daí a dificuldade de falar adequadamente sobre isso.

Uma tal experiência enraíza-se em nosso sentido de amor de amizade, apropriado à nossa natureza espiritual, a qual nos concede o poder de acolher, em nós, sem mistura, um outro ser semelhante a nós, a ponto de amá-lo, por si mesmo. Aí está um sentimento primitivo, especialmente, porque não podemos deduzi-lo de nenhum outro, nem extrair daí a explicação. De fato, o desejo egocêntrico e o amor extático — portanto da afirmação do eu, ou daquela do outro —, não consideram possível senão uma forma de unidade (a qual diz respeito, manifestamente, à essência do amor), adquirida através da supressão ou redução de um dos pólos da alteridade: ou o Eu, ou o Outro. Se nos colocamos sob uma tal perspectiva, não poderemos chegar senão à conclusão da impossibilidade de uma amizade ou de um amor, que mantenha, como essenciais, tanto a alteridade quanto a unidade.

Tampouco se pode dispor de um conceito intermediário, o qual conduza à amizade, ou ao amor de amizade, seu princípio. Não se demonstra a amizade: ela existe ou não existe; nós a descobrimos ou a contestamos; a experimentamos ou a reprovamos. Aí está, precisamente, um fato primitivo. O senso do amor de amizade, acrescentaremos, natural aos seres espirituais, atém-se ao fundamento de todo o sentimento, de todo o comportamento humano, e desempenha um papel, se tomarmos o homem em sua situação concreta, na ação egoísta propriamente dita, que aí toma a direção oposta. Representa o sentido de outrem e o senso do bem que o homem não pode destruir em si mesmo, não importa o que faça. Esse sentido profundo atravessa e contraria todos os projetos egocêntricos que o homem pode propor a si próprio.

Quando se descobre e se compreende um pouco o significado do amor de amizade, ao relacioná-lo aos outros sentimentos humanos, percebe-se, o desejo e o desinteresse estão longe de lhe serem contrários; antes recebem uma significação, um novo valor, que os liberta da estreiteza que os ameaça. Efetivamente, o desejo é um movimento em direção ao eu, que o experimenta; isso não quer dizer, todavia, que este seja um sentimento egocêntrico, no sentido em que ordenaria, inteiramente, o outro a si e o desviaria, para além dele próprio. Posso perfeitamente desejar “para mim” o amor de outrem em sua pureza, assim como a liberação de meu egoísmo.

Nesse caso, o desejo enraíza-se no amor de amizade, pelo bem em si mesmo, e coloca-se a seu serviço para afastar a procura egoísta.

Semelhantemente, o desinteresse do amor não consiste na recusa de todo o bem para si, na vontade de reduzir-se a nada, diante do outro. Sem dúvida, a amizade pode impelir-me a sacrificar bens materiais por meu amigo, a oferecer até minha vida, por sua salvação. Não obstante, precisamente em tais ações, aspiro à minha mais alta realização de ordem espiritual, a uma perfeição pessoal, a qual assim descubro. Notemos, todavia, não se pode atingir uma tal qualidade ou perfeição senão quando a intenção inspiradora do amor está livre de qualquer retorno interesseiro para si, e repousa no outro, amando-o, efetivamente, por si mesmo. A consideração do bem espiritual que me proporciona minha ação generosa deve ficar na retaguarda da intenção diretriz, em segundo plano. Esta não deve, em caso algum, modificar a intenção doadora, sob pena de comprometê-la.

O CONCEITO DO AMOR DE AMIZADE E O DO BEM CORRESPONDENTE SÃO DADOS PRIMITIVOS, NO PENSAMENTO DE SANTO TOMÁS, A PARTIR DAS QUAIS ELE DETERMINA O QUE SÃO O AMOR E O BEM.

A prioridade atribuída por nós ao amor de amizade corresponde, perfeitamente, à concepção do amor e do bem exposta por Santo Tomás, o qual estabelece um estreito paralelo entre as diversas categorias de bens e as espécies de amor, distinguindo-as claramente. Segundo ele, existem duas espécies de amor: o amor de amizade e o amor de desejo. Para este último, pode-se ainda fazer uma distinção, segundo a qual o amor repousa sobre a necessidade, ou sobre o prazer. O amor de amizade é amor no próprio sentido do termo, realiza plenamente o conteúdo do amor. Santo Tomás caracteriza-o com estas palavras: “O que é amado... é amado puramente por si mesmo” (“*id quod amatur... simpliciter et per se amatur*”). É também “o amor pelo qual amamos qualquer coisa, para que um bem lhe advenha» (“*amor quo amatur aliquid, ut ei sit bonum*”)⁶.

A intenção do amor dirige-se, assim, ao seu objeto e nele repousa. Em contrapartida, o amor de desejo, que tende ao útil ou ao agradável, tem um objeto “que não é amado, pura e simplesmente por si mesmo, mas por outra coisa, por um outro (“*non simpliciter et secundum se amatur, sed alteri*”). A intenção de um tal amor atinge seu objeto, depois ultrapassa-o, se o colocarmos em comparação a uma outra coisa, como a utilidade ou a satisfação daquele que ama ou, eventualmente, daquele que é amado por amizade. Conseqüentemente, posto que sua intenção ultrapassa seu objeto, o amor de

⁶ TOMÁS DE AQUINO, S. *Suma Teológica*. I-II, q26,a4,c.

desejo não é um amor no pleno sentido do termo. É um amor sob um certo aspecto (*secundum quid*). Não merece esse nome, senão num sentido derivado, imperfeito, analógico, na medida em que pode entrar no movimento do amor de amizade e participar de sua natureza.

Como a amizade, o bem divide-se em três categorias: o bem “honesto” (*honestum*), o bem útil e o bem apazível (*delectabile*)⁷. Para restituir o vocabulário de Santo Tomás à sua força, evitaremos o qualificativo “honesto”, que nosso uso deformou consideravelmente, na linha da honestidade “burguesa” e legalista. Falaremos do bem, puro e simples. O puro bem define-se como aquilo que se procura em último lugar, principalmente, como um bem desejado em si mesmo, por sua qualidade, sua perfeição, sua atratividade, sua bondade, (“*id quod appetitur ut ultimum, terminans totaliter motum appetitus, sicut quaedam res in quam per se appetitus tendit*”). O termo *appetitus*, precisemos, não se limita aos “apetites”, aos desejos animais. Ainda uma vez, o bem puro, propriamente dito, é aquele que merece ser amado por si, por ele próprio, de tal forma que a intenção do amor permanece fixa e nele repousa. Em contrapartida, o bem útil e o bem apazível ou deleitável representam objetos que servem de termos intermediários ao amor, ou de meios com vistas a um objetivo último, que os ultrapassa. Essas duas categorias não merecem o nome de “bem”, senão num sentido secundário, analógico, parcial, imperfeito.

Disso resulta claramente que, se quisermos fazer uma representação correta do que Santo Tomás compreende por bem e por amor, deveremos referir-nos, principalmente, ao que ele entendia por bem puro (*bonum honestum*) e por amor de amizade. Não é verdadeiramente objeto de amor, percebemos então, e não merece plenamente o nome de bem, senão o que é digno de ser amado por si mesmo e de tornar-se o objetivo da intenção amante, de tal forma que a volta egocêntrica da intenção para aquele que ama desnaturaria esse amor e depreciaria esse bem.

A existência do amor de amizade, do bem amado por si mesmo, diretamente, é assim como um fato primitivo para o doutor angélico. Constitui seu ponto de partida, para determinar as outras categorias de bens e as outras espécies de amor.

AS EXPLICAÇÕES QUE CONDUZIRAM A UMA INTERPRETAÇÃO EGOCÊNTRICA DA ÉTICA TOMISTA.

Quando lemos certas explicações modernas dos textos de Santo Tomás, relativas à sua concepção do bem e do amor de amizade, temos a impressão de que, no decorrer dos séculos e, sem dúvida, com uma boa consciência, uma

⁷ TOMÁS DE AQUINO, S. *Suma Teológica*. I, q5, a6, c.

espécie de violência foi praticada contra seu ensinamento. Atribui-se-lhe, *a priori*, como dele advinda, uma concepção egocêntrica do amor e do bem, concentrada na procura da felicidade, compreendida como uma perfeição e uma satisfação, puramente “para si”. Uma tal representação das coisas prende-se, no fundo, a uma mentalidade e a uma problemática modernas, dominadas pela oposição inelutável entre o sujeito e o objeto. Partimos, assim, para a leitura dos textos tomistas sob a óptica de um amor interessado. Dificuldades insuperáveis daí resultaram, nos comentários, Os pontos de vista fundamentais da moral de Tomás foram falseados, para dela fazer uma moral centrada praticamente no eu e dificilmente conciliável com o Evangelho. Como, efetivamente, poder explicar a caridade em sua pureza, e mesmo a simples generosidade natural, com base num amor, que se compreende como essencialmente egocêntrico? É como procurar a quadratura de um círculo.

Para fundamentar de modo metafísico essa maneira de ver, partiu-se de uma concepção bastante estreita e bem moderna dos conceitos de natureza, de ser, de perfeição etc., dos quais se serve o doutor angélico. Colocou-se uma distinção radical entre o que está na dependência da natureza e o que pertence à ordem racional e livre. Representou-se a natureza com suas inclinações sobre o modelo dos seres inteiramente dominados por ela, puramente “naturais”. Do fato que a natureza tem, como primeira inclinação, a própria manutenção e seu desenvolvimento no ser, colocou-se no começo e no fim da inclinação natural humana esse movimento egocêntrico, que engendra o desejo nas naturezas dotadas de razão, de consciência. Introduziu-se, por conseguinte, em sua atividade, seu conhecimento e seu querer, um bocado de natureza, produtor de um movimento necessário, a saber, o desejo natural de sua manutenção e de sua perfeição, fornecendo o ponto de partida e o fim último de seu proceder, qualquer que seja sua variedade.

Ao fazer isso, não se teve na devida conta, suficientemente, o emprego amplo, feito por Santo Tomás, dos conceitos de natureza, de ser, de inclinação, de desejo natural. Eles foram demasiadamente entendidos segundo o modelo dos seres e naturezas não racionais, e aplicados de uma maneira excessivamente unívoca ao homem. Não se pensou que essas noções adquirem largueza quando aplicadas a realidades espirituais e que, daí, ganham uma dimensão nova. De fato, o que é próprio da natureza espiritual reside na capacidade de acolher em si o ser de um outro, de transformá-lo, de uma certa forma, no poder de conhecê-lo tal como é e de amar aquilo que é, por si mesmo, sem perder a própria identidade. Ou ainda: a perfeição da natureza espiritual consiste, precisamente, no reconhecimento e no amor do outro ser, em si e por si mesmo. Assim, a inclinação natural à sua manutenção, ao seu desenvolvimento, à sua perfeição realiza-se de uma forma completamente

diferente das naturezas não espirituais, através de uma espécie de multiplicação de si com o outro, por uma conjunção, uma comunhão. Em vez de limitar-se em si, a natureza espiritual completa-se pela abertura a outros seres, bem como pelo dom que lhes faz. Abertura e dom que não conduzem, todavia, a uma anulação de si mesmo, como na teoria do amor extático.

A capacidade possuída pela natureza espiritual, de abrir-se a um outro pelo conhecimento e pelo amor, é, em conseqüência, um dado fundamental em moral. Produz uma tendência diferente do desejo: enquanto este último é um movimento para si mesmo, o amor de amizade une com outrem, com o bem, e o faz amar, por si mesmo. Em seguida, quando um desejo procede do amor de amizade, procura tornar-se cada vez mais capaz de amar com um tal amor; engendra o desejo de progredir nas qualidades morais que rompem o retorno egoísta para si, abrem-nos para outrem, permitem-nos agir sempre melhor, segundo o amor de amizade, e amar o bem, em sua pureza. A perfeição pessoal não é mais, então, o fim de um egocentrismo transcendental, mas a consecução da abertura de si à atenção de qualquer ser, na elevação do espírito e da latitude do coração.

Se compreendermos assim a ética de Santo Tomás, esta passa a não mais merecer a reprovação do egocentrismo nem, propriamente, a qualificação de eu demonismo, no sentido habitual⁸. Oferece à caridade cristã uma base natural pronta a acolhê-la e a prestar-lhe contas; cria uma concordância e uma harmonia entre o sentimento moral e o sentido cristão do amor de Deus.

⁸ Precisemos o termo. Compreendemos, aqui, o eudemonismo no sentido que lhe é freqüentemente atribuído: uma concepção da ética que tem por finalidade a busca da felicidade, enquanto nossa e, portanto, centrada em nós. Pode-se, todavia, entender o eudemonismo de uma outra maneira: enquanto ordenado à felicidade, é compreendido como a perfeição do amor de amizade, sob o ponto de vista de uma realidade merecedora, em grande escala, de ser amada por si mesma. Nesse caso, deve-se entender o conceito de felicidade, num sentido principalmente objetivo. Designa, primeiramente, a realidade beatificante, merecedora de ser amada de uma certa forma enquanto a beatitude compreendida subjetivamente é um efeito de tal amor e, de forma alguma, seu fim. Essa beatitude objetiva não encerra, absolutamente, o homem em si mesmo. Ao contrário, não se realiza plenamente, senão pela abertura do amor do homem a Deus. Acrescentemos, ainda: na amizade propriamente dita, como a compreende Santo Tomás, o amor por si é purificado e transformado pela abertura ao outro. Sem dúvida, deve desenvolver-se na procura da própria perfeição, mas dar-se-á de uma forma totalmente diferente da hipótese do amor egocêntrico, ou seja, no desejo de um amor mais perfeito, graças ao progresso nas virtudes. Se compreendermos o eudemonismo sob essa perspectiva, este não mais incorpora uma concepção egocêntrica da ética; reúne, antes, a qualidade de sujeito amante com a perfeição do objeto amado, na correspondência e na harmonia. Esta é, a nosso ver, a concepção autêntica do eudemonismo e, assim compreendido, merece qualificar-se na moral de Santo Tomás, sem que lhe pudesse, ainda, ser feitas censura do egocentrismo.